



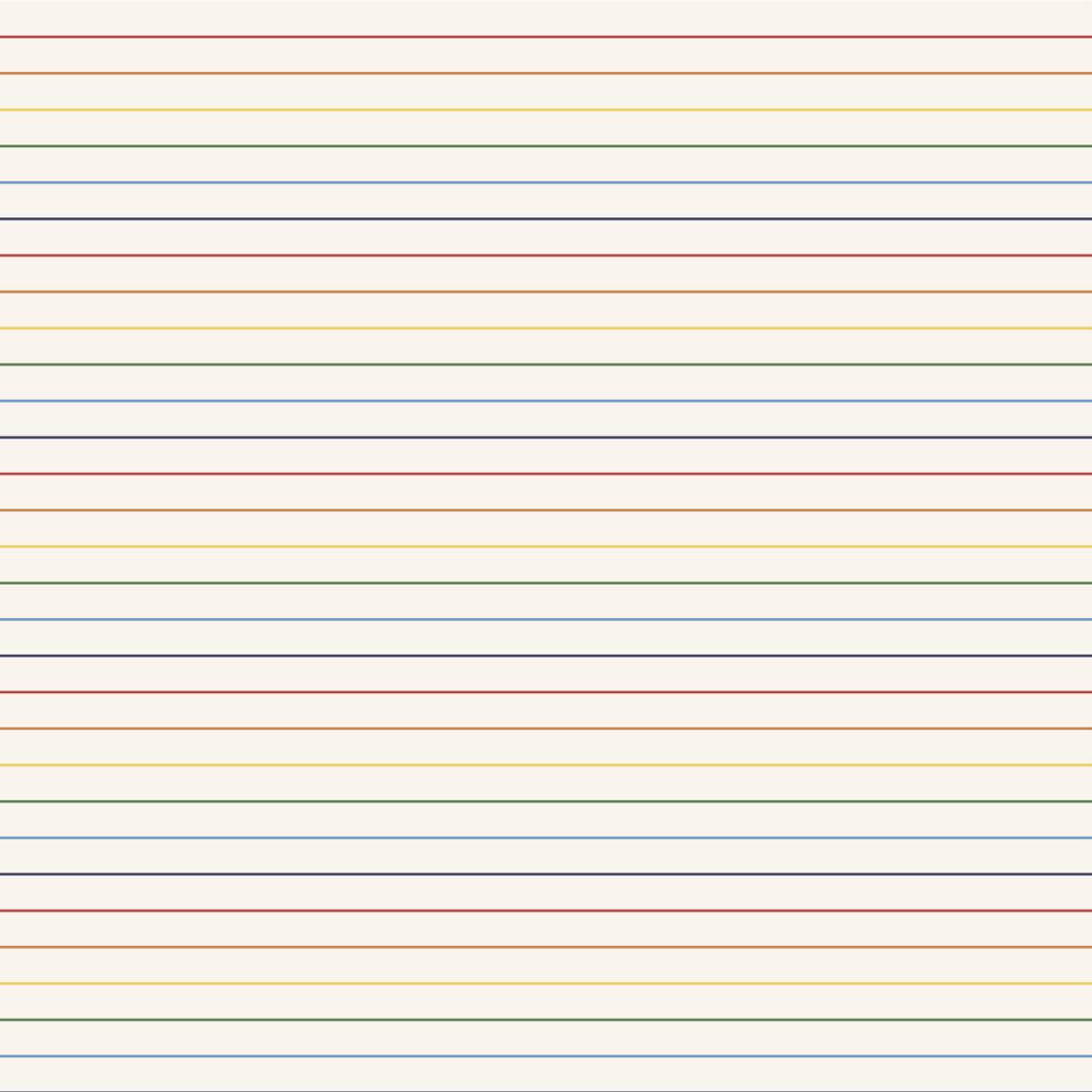
MOBILIZAÇÕES

QUADRINHOS SOBRE PESSOAS LGBTQIA+ E O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19

ILUSTRAÇÃO: PABLITO AGUIAR ROTEIRO: DANIEL CANAVESE, MAURÍCIO POLIDORO E BRUNO KAUSS

COM TEXTOS DE: JAMES NAYLOR GREEN, KINHO TUPINIKIM E LAERTE





MOBILIZAÇÕES

QUADRINHOS SOBRE PESSOAS LGBTQIA+ E O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DA COVID-19

ILUSTRAÇÃO: PABLITO AGUIAR

ROTEIRO: DANIEL CANAVESE, MAURÍCIO POLIDORO E BRUNO KAUSS

COM TEXTOS DE: JAMES NAYLON GREEN, KINHO TUPINIKIM E LAERTE

Titulo	Conselho Editorial do IFRS
<i>Mobilizações: quadrinhos sobre pessoas LGBTQIA+ e o enfrentamento da pandemia da covid-19</i>	Gregório Durlo Grisa Aline Terra Silveira Cimara Valim de Mello DeLoize Lorenzet
Ilustrações	Greice da Silva Lorenzetti Andreis
Pablito Aguiar	Maísa Helena Brum Maria Cristina Caminha de Castilhos França Marilia Bonzanini Bossle Sílvia Schiedeck
Roteiro e Organização	Marcus André Kurtz Almança
Daniel Canavese	Daniela Sanfelice
Maurício Polidoro	Maurício Polidoro
Bruno Kauss	Paulo Roberto Janissek Carine Bueira Loureiro
1ª edição	Marina Wöhlke Cyrillo
2022	Daiane Romanzini Viviane Diehl João Vitor Gobis Verges

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M687

*Mobilizações: quadrinhos sobre pessoas LGBTQIA+ e o enfrentamento da pandemia da covid-19 / Pablito Aguiar (Ilustrador); Daniel Canavese, Maurício Polidoro, Bruno Kauss (Organizadores). -- 1.ed.-- Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2022.
54 p.: il.*

ISBN 978-65-5950-025-3 (Livro digital)

ISBN 978-65-5950-024-6 (Livro físico)

1. *Histórias em quadrinhos.* 2. *Homossexualidade.* 3. *Saúde coletiva.* 4. *Pandemia - Covid-19.* I. *Aguiar, Pablito, ilust.* II. *Canavese, Daniel, org.* III. *Polidoro, Maurício, org.* IV. *Kauss, Bruno, org.* V. *Título.*

CDU(online): 821:741.5

“MOBILIZAÇÕES” É UMA OBRA-REGISTRO DE SITUAÇÕES CONCRETAS DA PANDEMIA DA COVID-19

O movimento mais urgente partiu das investigações, desde o início da pandemia da COVID-19^{1, 2} sobre os impactos na vida das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queers, pessoas intersexo, assexuais, pessoas não-binárias e variações de gênero e sexualidade (LGBTQIA+). Outros movimentos retomaram as situações que há tempos todos, todas e todes nós vivenciamos, como negligências, privações, estigma, discriminação, desinformação, violências e fazem parte das nossas pesquisas e ações no ensino³.

No formato de histórias em quadrinhos, que contaram com a sensibilidade do artista Pablo Aguiar, estão registros de fatos concretos de resistência e enfrentamento promovidos por pessoas LGBTQIA+. Além disso, trazem informações adaptadas e validadas do Guia da OPAS⁴ para grupos populacionais em situação de vulnerabilidade.

Um dos muitos desejos é o convite para que estejamos em mobilização permanente e atenta para a divulgação de informação relevante e de qualidade, para a proteção dos direitos humanos e para a promoção da justiça social. Acreditamos que os quadrinhos possam apoiar estratégias nesses sentidos.

Convidamos, com alegria, para conhecer grandes potências mobilizadoras durante a pandemia da COVID-19: Lile, Gaia, Breda e Tiê. Essas pessoas são profissionais de saúde, da assistência social, do movimento social e estudantes que homenageiam tantas e tantos que continuam conosco, neste e em outros planos. Essas são pessoas, ao mesmo tempo fictícias e reais, que podem nos servir de inspiração para forjar outras possibilidades de mobilizações no período marcado por desmobilizações.

Lile, Gaia, Breda e Tiê são, sobretudo, inspirações resultantes das ligações sem rígidas fronteiras dos marcadores de vida (sexo, gênero, orientação sexual, classe social, raça/cor e etnia, deficiência), da ficção e da realidade, da produção científica e da arte.

Vidas longas!

Daniel Canavese de Oliveira

Maurício Polidoro

Coordenadores do projeto em parceria com OPAS

Dezembro/2021

Referências

¹ Signorelli, M., Moretti-Pires, R. O., de Oliveira, D. C., Miskolci, R., Polidoro, M., & Pereira, P. P. G. (2020). *The health of LGBTI+ people and the COVID-19 pandemic: a call for visibility and health responses in Latin America*. *Sexualities*, 1363460720942016.

² Kauss, B., Polidoro, M., Costa, A., & Canavese, D. (2021). "Semente para Luta": ativismos, direito à saúde e enfrentamentos de pessoas LGBTI na pandemia da covid-19. *Saúde e Sociedade*, 30, e201026.

³ Disponível em: <https://www.sad.eco.br>

⁴ Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS). *Orientações para a aplicação de medidas de saúde pública não farmacológicas a grupos populacionais em situação de vulnerabilidade no contexto da COVID-19*. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/53194>

KINHO TUPINIKIM

Graduando em Educação Física pela Universidade de Brasília, membro do coletivo pysasú Pak e comunicador da página Povos Tupinikim.

Ao analisar cada história ilustrada em quadrinhos, no presente trabalho, contando as vivências e lutas de cada personagem da comunidade LGBTQIA+ nesse tempo de pandemia da Covid-19, sinto representatividade presente, pois a importância da diversidade, sendo os próprios protagonistas de cada situação, é algo importante, por vivermos nossa realidade sabemos que temos pautas e demandas a serem debatidas e obtidas.

Na questão indígena ressaltamos a importância de não romantizar nossas lutas e outras situações. No contexto geral neste trabalho, levar essas informações para a sociedade por uma ferramenta de luta como a internet no atual momento em que vivemos terá sua finalidade garantida, trazendo a visibilidade para essas causas e que as pessoas em geral possam se mobilizar em prol das nossas lutas e movimentos, na garantia de ocupar espaços, positivar nossos direitos e sermos respeitados.

JAMES N. GREEN

historiador e professor da Brown University, Estados Unidos.

É impossível entender as tremendas mudanças ocorridas no Brasil nos últimos anos em relação aos direitos dos membros da comunidade LGBTQIA+ sem entender a história de mobilizações ocorridas nos últimos quarenta anos. Primeiro, dezenas, depois centenas, depois milhares de pessoas decidiram desafiar as normas sexuais e de gênero dominantes e oferecer uma forma radicalmente diferente de pensar a democracia. Apesar das ameaças recentes ao avanço dos direitos das pessoas LGBTQIA+, a sociedade e a cultura brasileiras mudaram de forma tão dramática que é difícil imaginar retrocessos duradouros.

Para mobilizar, é preciso ter uma ideia, um objetivo, uma visão, um sonho. No Brasil a ideia teve início na década de 1970, durante o complexo processo de abertura, uma iniciativa de setores da ditadura militar para uma abertura, lenta e controlada, com o objetivo de encontrar uma

saída do poder sem mexer com o sistema socioeconômico que sustentava o regime. Foi também um processo impulsionado por estudantes, trabalhadores, intelectuais de classe média e políticos da oposição que exigiam o fim do regime autoritário. Foi uma ideia compartilhada por muitos setores da sociedade civil que desejavam criar uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Foi também uma ideia compartilhada por um grupo de gays, e depois lésbicas, e mais tarde pessoas trans, que imaginaram um Brasil que tivesse se livrado da discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero. Os editores do jornal *Lampião da Esquina*, a primeira publicação política que denunciou a maneira que gays, lésbicas e trans eram marginalizados pela sociedade brasileira, abraçaram esta ideia tanto quanto os fundadores e membros do *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*, a primeira organização política que tentou mudar as atitudes sociais sobre homoeroticismo e formas rígidas de pensar sobre gênero. Logo depois, muitos outros grupos se formaram e seguiram o exemplo do Grupo *Somos*.

A ideia levou a um objetivo simples -- reunir pessoas fora do mundo dos bares, saunas e encontros nas ruas para um espaço onde pudessem falar sobre si e como a sociedade os tratava.

Neste ambiente as pessoas poderiam compartilhar suas experiências comuns de serem marginalizadas por suas famílias, colegas de escola, no local de trabalho e nas ruas. A força de identificar tantas histórias

peçoais diferentes que tinham um tema comum uniu as pessoas em um propósito comum.

Dentro deste processo, alguns tiveram uma visão. Eles e elas argumentaram que não era suficiente simplesmente construir um senso de comunidade ou forjar uma identidade comum. Era preciso enfrentar as ideias conservadoras da sociedade sobre sexo, casamento, família e papéis de gênero. Também era necessário construir alianças com outros setores da sociedade brasileira que também desafiavam o caráter autoritário da ditadura e a asfixia que a sociedade vivia por causa do governo arbitrário.

Quem teve essa visão buscou o Movimento Negro Unificado e apoiou a luta contra o racismo e a discriminação. Era também um reconhecimento de que havia gays, lésbicas e trans negros que sofreram duplas ou triplas formas de discriminação. Também fizeram contato com o movimento de mulheres, embora a princípio muitas sofressem de lesbofobia por feministas que temiam que o movimento fosse associado às lésbicas.

E entre os que tiveram uma visão, alguns tiveram um sonho. Esse sonho era transformar a consciência da esquerda brasileira que havia desafiado a ditadura, mas ainda mantinha ideias conservadoras sobre homossexualidade e gênero.

E então eles se mobilizaram. Durante a greve dos metalúrgicos de Santo André, São Bernardo e São Caetano na Grande São Paulo, cinquenta lésbicas e gays se juntaram à manifestação do Dia 1 de Maio para mostrar seu apoio à greve liderada por Luiz Inácio Lula da Silva, para opor-se à

intervenção nos sindicatos e falar abertamente contra a discriminação dos/das trabalhadores/as homossexuais. O sonho das pessoas que se mobilizaram em 1º de maio de 1980 era um dia ver um movimento sindical, assim como outros movimentos sociais, defendem os direitos das pessoas LGBTQIA+, mesmo que ainda não tivessem uma linguagem para expressar a diversidade de seu movimento com estas letras.

São vários momentos em que se poderia apontar como a primeira mobilização de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Certamente um dos primeiros, senão o primeiro, foi aquele evento de 1º de Maio, marchando pela cidade de São Bernardo até o estádio de futebol Vila Euclides, onde aconteceu um comício a favor da greve dos metalúrgicos.

Um mês depois, outra mobilização ocorreu quando Wilson Richetti, um delegado de polícia, decidiu prender mais de 1.500 gays, trans, lésbicas, prostitutas e qualquer outra pessoa que passasse pelo centro de São Paulo por ser uma afronta aos morais e bons costumes. Em resposta, os diferentes grupos paulistanos convocaram os seus apoiadores a se reunir na escadaria do Teatro Municipal no dia 13 de junho de 1980 para protestar contra a repressão policial. O ato culminou em uma passeata de 800 a 1.000 pessoas pelas ruas do centro de São Paulo. Para muitos, este protesto é considerado a primeira grande mobilização do movimento LGBTQIA+ no Brasil.

Três anos depois, lésbicas de São Paulo também tiveram sua própria mobilização contra o tratamento das donas do Bar Ferros, que tinha uma

clientela lésbica e foi localizado no centro da cidade, que se recusaram a permitir que ativistas distribuíssem uma publicação no bar. Em 19 de agosto de 1983, um grupo de lésbicas protestaram contra esse tratamento, marcando a primeira ação pública autônoma do movimento lésbico.

Todas essas mobilizações aconteceram no contexto de uma sociedade civil exigindo o fim da ditadura e um país mais democracia. Enquanto muitos entendiam o apelo ao retorno à democracia apenas em termos do fim da censura à imprensa e do direito de eleger diretamente o Presidente da República, outros sonhavam com uma sociedade amplamente justa, igualitária e inclusiva. Eles o buscaram para si mesmos como gays, lésbicas e trans, mas também para aqueles marginalizados por causa de sua classe, raça ou etnia.

Esse movimento que surgiu no final dos anos 1970 passou por momentos difíceis nos anos 1980: recessão econômica, alto desemprego, a discriminação contra as pessoas que vivem com HIV/AIDS, inflação galopante e certa frustração com o novo regime democrático. Alguns grupos conseguiram sobreviver, mas muitos desapareceram. Outros foram fundados durante esses anos no declínio geral do movimento.

No começo dos anos 1990, alguém teve uma nova ideia: por que não realizar a décima sétima conferência internacional da Associação Internacional de Gays e Lésbicas no Rio de Janeiro. O objetivo era promover no movimento brasileiro no exterior e inspirar a formação de novos grupos dentro do país. Eles imaginaram a possibilidade de que esse encontro

internacional pudesse mobilizar apoio político para uma lei que garantisse a união civil entre homens ou entre mulheres. Também sonhavam em mobilizar as pessoas LGBTQIA+.

E conseguiram. Mais de 2.000 pessoas marcharam pela Avenida Atlântica exigindo direitos para pessoas LGBTQIA+. Foi a primeira Marcha do Orgulho. Essas mobilizações cresceriam de 2.000 a 5.000 a 100.000 a vários milhões no Rio e em São Paulo. Se espalhariam por todo o Brasil de forma que hoje há mais de 300 marchas em todos os cantos do país.

São celebrações, afirmações, provocações, inspirações. Pessoas de pequenas cidades viajam para as capitais para vivenciar a energia de tantas pessoas que declaram sua identidade de gênero e orientação sexual. Os eventos são uma combinação de protesto político e festa de carnaval, e mostram números, poder, potencial.

Embora essas mobilizações exigissem que uma ideia se transformasse em objetivos, visões e até sonhos, não foram ações espontâneas que ocorreram por acaso. Eles representam uma estratégia para transformar a sociedade brasileira. E eles tiveram sucesso. Leis antidiscriminatórias, direitos do casamento, decisões da Suprema Corte que criminalizam a homofobia, mudanças nos discursos públicos, representações não estereotipadas na mídia, tudo isso se deve em grande parte à mobilização do movimento liderado por poucos, mas que mobilizam muitos.

E eles transformaram o Brasil. Para alguém que acompanhou essa mudança nos últimos quarenta e cinco anos, é realmente inacreditável.

Apesar das forças políticas conservadoras que querem fazer o Brasil voltar ao século XIX, quando havia papéis rígidos de gênero e sexo, o movimento tem sido mais poderoso e bem-sucedido. Em grande medida, é por causa das mobilizações e da construção de aliados de outros setores da sociedade para apoiar o movimento e seus sonhos. E enquanto nos mobilizamos, não devemos parar de sonhar.

James N. Green

Nova Iorque, 5 de dezembro de 2021

LILE

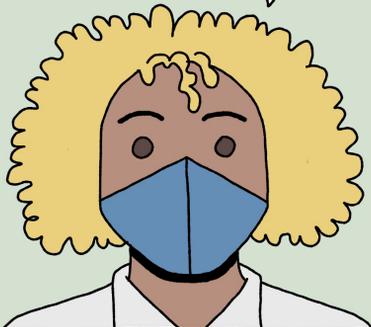
PROMOVENDO O ACESSO E A EQUIDADE PARA
PESSOAS LGBTQIA+ NA PANDEMIA DA COVID-19



O NOME SOCIAL SEMPRE DEVE SER RESPEITADO. VOCÊ, NO CADASTRO, PERGUNTE PARA A PESSOA COMO ELA IDENTIFICA A SUA RAÇA/COR E ETNIA, A IDENTIDADE DE GÊNERO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL. TUDO BEM?



EU ME CHAMO LILE,
SOU NUTRICIONISTA.



FAÇO PARTE DA COMUNIDADE
LGBTQIA+ E ME IDENTIFICO
COMO UMA MULHER TRANS.



NA UNIDADE DE SAÚDE QUE COORDENO TENHO VISTO QUE NA
PANDEMIA DA COVID-19 AS PESSOAS LGBTQIA+ ENFRENTAM
QUESTÕES DE VULNERABILIDADE ESPECÍFICAS.



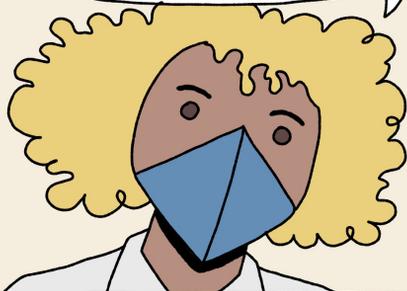
POR EXEMPLO, OS HORMÔNIOS SÃO IMPORTANTES PARA AS PESSOAS TRANS E TRAVESTIS. EM ALGUMAS UNIDADES DE SAÚDE AS PESSOAS RELATARAM DIFICULDADES NA ENTREGA DESSES MEDICAMENTOS, MUDANÇA NO HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO OU DO ENDEREÇO DOS SERVIÇOS. ISSO AFETOU MUITO O ACESSO.



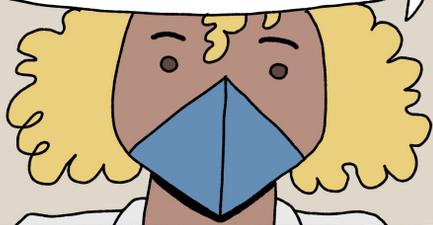
OUTRA SITUAÇÃO FOI EM RELAÇÃO À PREVENÇÃO COMBINADA AO HIV, QUE É UMA ESTRATÉGIA IMPORTANTE QUE TEMOS. O ACESSO À PREVENÇÃO DURANTE A COVID-19 TAMBÉM FOI AFETADO. E MAIS UMA VEZ O ESTÍGMA E O PRECONCEITO MOSTRARAM A CARA.



A PANDEMIA DA COVID-19 AFETA DE FORMA AINDA MAIS GRAVE PESSOAS QUE JÁ SÃO VULNERABILIZADAS.

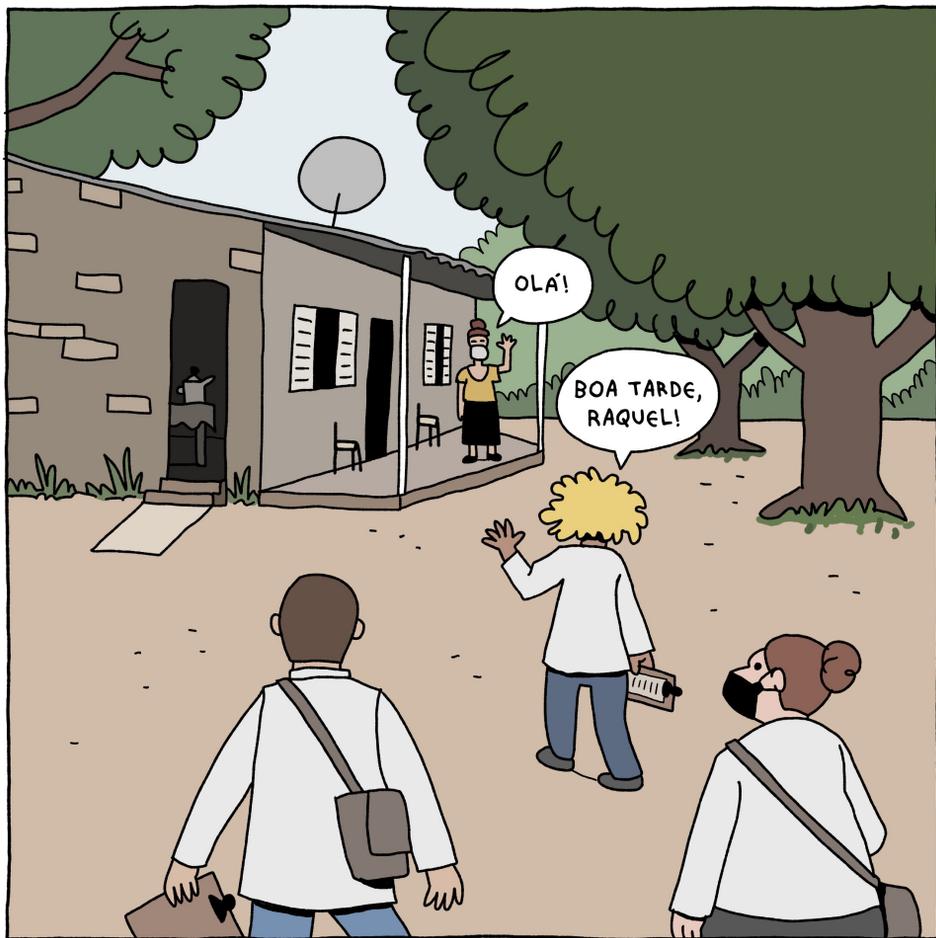


POR ISSO, NA UNIDADE DE SAÚDE QUE COORDENO DESENVOLVEMOS ESTRATÉGIAS PARA GARANTIR ACESSO E CUIDADOS ESPECÍFICOS PARA AS PESSOAS NESTA SITUAÇÃO.



VAMOS DE CASA EM CASA ENTREGAR OS MEDICAMENTOS E USAMOS AS MÍDIAS SOCIAIS PARA DIALOGAR COM NOSSA COMUNIDADE DO ENTORNO.





PRECISAMOS ELABORAR E IMPLEMENTAR ESTRATÉGIAS DIRECIONADAS AOS GRUPOS VULNERÁVEIS, A FIM DE GARANTIR O ACESSO À ATENÇÃO, À SAÚDE E À CONTINUIDADE ASSISTENCIAL.

COMO VOCÊ ESTÁ?

MELHOR AGORA.

FIM



GAiA

ENFRENTANDO A DESINFORMAÇÃO
NA PANDEMIA DA COVID-19



A Covid-19 só é letal em idosos.

A vacina contra a Covid-19 pode provocar alterações genéticas.

A hidroxicloroquina é eficaz no tratamento da Covid-19.

Os sintomas da Covid-19 são febre, tosse e vermelhos nos olhos.

Máscaras oferecem proteção e reduzem os riscos à saúde.



EU ME CHAMO GAIA, SOU EDUCADORA, FAÇO PARTE DA COMUNIDADE LGBTQIA+.



EU NÃO CONSIGO ACREDITAR NA QUANTIDADE DE INFORMAÇÕES FALSAS GERADAS E COMPARTILHADAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.





NÃO PODEMOS NOS
CONTENTAR EM VER
TUDO ISSO.

É MUITO GRAVE ACOMPANHAR O
IMPACTO DA DESINFORMAÇÃO E
O QUANTO DESCONSIDERAM AS
ETNIAS INDÍGENAS.

VRUUM

EU LEMBREI DE UMA HISTÓRIA
AQUI DURANTE A PANDEMIA DA
COVID-19 QUE SE REPETIU EM
MUITOS LUGARES.



PARTICULARMENTE, PARA NÓS
POVOS ÍNDIGENAS, A RELAÇÃO
COM A NATUREZA É DIFERENTE
DO POVO BRANCO.



AQUELA CHUVA DE MENSAGENS DE
DISTANCIAMENTO FÍSICO QUE
RECEBI DURANTE ESSE PERÍODO
NÃO FAZIA SENTIDO PARA MIM.



NOSSO MODO DE VIDA É
COLETIVO.



INFELIZMENTE, MUITAS DAS
NOSSAS COMUNIDADES ESTÃO
EM TERRAS QUE NÃO SÃO
REGULARIZADAS, MUITAS NÃO
POSSUEM ÁGUA CANALIZADA,
ESGOTAMENTO SANITÁRIO E
ENERGIA ELÉTRICA.



A CONSTITUIÇÃO DE 1988 TEM
CHEGADO MUITO LENTAMENTE
ATÉ NÓS.



POR ISSO, AQUI NA NOSSA
COMUNIDADE DESENVOLVEMOS
UMA ESTRATÉGICA DE VIGILÂNCIA
POPULAR DA SAÚDE E DO NOSSO
TERRITÓRIO.



TEMOS LIMITADO A ENTRADA E
CIRCULAÇÃO DE PESSOAS ESTRANHAS.



TEMOS ADAPTADO ÀS PRÁTICAS DE
PREVENÇÃO E AS INFORMAÇÕES
SOBRE A COVID-19 PARA A NOSSA
CULTURA.



TEMOS ORGANIZADOS AS DOAÇÕES,
QUE SÃO TÃO IMPORTANTES, DE
MODO A MANTER NOSSA SEGURANÇA
E PRIORIDADES.



NOSSOS POVOS FICAM MAIS SEGUROS
QUANDO DESENVOLVEMOS ESTRATÉGIAS
DE PREVENÇÃO À COVID-19 ADAPTADAS
AO NOSSO CONTEXTO CULTURAL
NACIONAL E LOCAL.



FIM

BREDA

VALORIZANDO E FORTALECENDO O PAPEL
DAS COMUNIDADES NO ENFRENTAMENTO
À PANDEMIA DA COVID-19



EU ME CHAMO BREDA, SOU UMA
MULHER CÍSGENERO, NEGRA E
LÉSBICA. FAÇO PARTE DA
COMUNIDADE LGBTQIA+.



SOU ASSISTENTE SOCIAL E
LÍDERANÇA COMUNITÁRIA.



DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 PERCEBI O QUANTO A
MOBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES FOI FUNDAMENTAL, TRAZENDO
RESPOSTAS SOLIDÁRIAS E DE EMPODERAMENTO.



POR CONTA DA DESIGUALDADE ECONÔMICA
E A FALTA DE EMPREGO, MUITAS PESSOAS
ESTÃO EM TRABALHOS INFORMAIS OU
PERDERAM TOTALMENTE A SUA RENDA.





NA COMUNIDADE ONDE TRABALHO E VIVO, TENHO APOIADO NA DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS E DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO, COMO MÁSCARAS E MATERIAL DE LIMPEZA.



TAMBÉM AJUDAMOS, EM PARCERIA COM ESCOLAS E IGREJAS DO BAIRRO, CENTENAS DE PESSOAS A TEREM ACESSO ON-LINE AO SISTEMA DE CONCESSÃO DE BENEFÍCIOS SOCIAIS OFERECIDO PARA A POPULAÇÃO.



A MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA TROUXE
RESILIÊNCIA E RESISTÊNCIA DURANTE A PANDEMIA
DA COVID-19 E TAMBÉM ESTREITOU NOSSOS
LAÇOS FAMILIARES E DE AMIZADES.



É INDISPENSÁVEL FACILITAR E FORTALECER O EMPODERAMENTO DAS COMUNIDADES E DAS FAMÍLIAS, ESTIMULANDO AS RESPOSTAS SOLIDÁRIAS QUE SURTIRAM A PARTIR DAS NECESSIDADES LOCAIS.



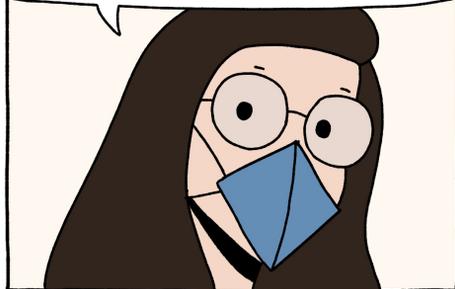
Tiê

A IMPORTÂNCIA DAS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE
CIVIL NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA E
PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

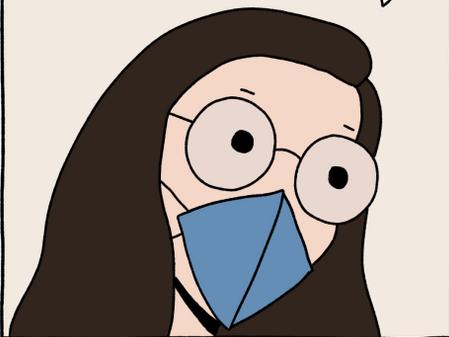




EU ME CHAMO TIÊ, ESTUDO DIREITO,
FAÇO PARTE DA COMUNIDADE
LGBTQIA+ E ME IDENTIFICO COMO
PESSOA NÃO BINÁRIA.



TAMBÉM SOU UMA PESSOA COM
DEFICIÊNCIA.



AQUI APOIO O ACOLHIMENTO
DAS PESSOAS VÍTIMAS DE
VIOLÊNCIA.



FAÇO UMA ESCUTA E ORIENTO
COMO FAZER A NOTIFICAÇÃO
DA VIOLÊNCIA NO SUS.



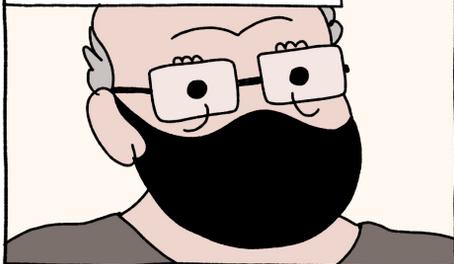
TAMBÉM, DE MODO VOLUNTÁRIO,
AJUDO EM QUESTÕES JURÍDICAS.



A ONG ESTE ANO VAI COMEMORAR
40 ANOS DE MOBILIZAÇÃO DA
SOCIEDADE CIVIL SOBRE DIREITOS
HUMANOS E DIREITOS LGBTQIA+.



DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19, CRIAMOS AQUI NA ONG ESPAÇOS VIRTUAIS DE ESCUTA PARA APOIAR A SAÚDE MENTAL DAS PESSOAS LGBTQIA+.



ACOMPANHAMOS E APOIAMOS RELATOS DE VIOLÊNCIA DE PESSOAS QUE FORAM EXPULSAS DE CASA.



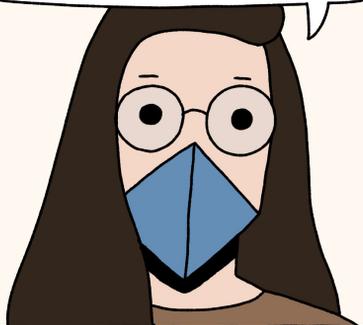
E DE SOFRIMENTOS EM VIRTUDE DE INTOLERÂNCIA CONTRA A IDENTIDADE DE GÊNERO OU ORIENTAÇÃO SEXUAL.



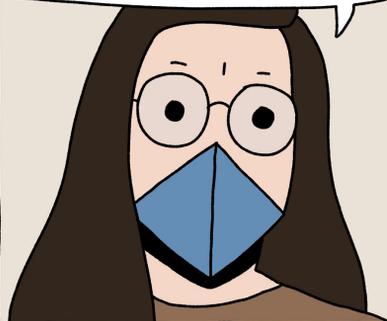
A SAÚDE MENTAL FOI MUITO ABALADA.



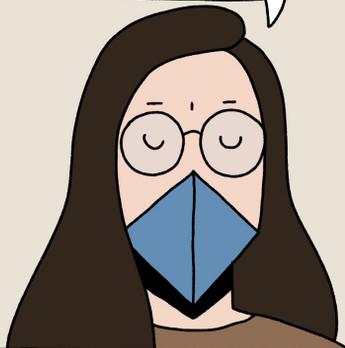
NA NOSSA HISTÓRIA
ESTIVEMOS À FRENTE DE
MUITA RESISTÊNCIA E LUTAS.



COMO PARA ACABAR COM A
IDEIA DE DOENÇA ASSOCIADA À
HOMOSSEXUALIDADE,



PELO FIM DO ESTÍGMA
SOBRE A AÍDS,



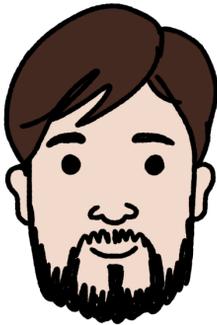
PELO FIM DAS VIOLÊNCIAS
COMO O RACISMO, A
LGBTFOBIA E O CAPACITISMO.



AS ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL
SÃO INDISPENSÁVEIS E ATUAM DE FORMA
INTERSETORIAL COM A SAÚDE, A ASSISTÊNCIA
SOCIAL E A JUSTIÇA PARA O ENFRENTAMENTO
DAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, ALÉM DE APOIAR
A PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS.







Pablito Aguiar é quadrinista. Vive e trabalha em Alvorada, no Rio Grande do Sul. Desde 2015 escuta histórias e as transforma em quadrinhos. Em 2016 lançou o seu primeiro livro, “Alvorada em Quadrinhos”, que reúne relatos de 23 moradores da sua cidade natal.

E-mail: entrevistasdopablito@gmail.com

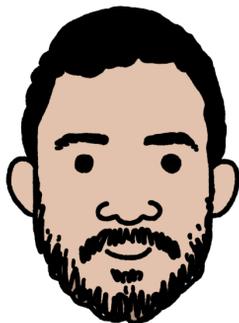


Daniel Canavese de Oliveira, sanitarista, professor associado de Saúde Coletiva da UFRGS e membro do GT Saúde LGBTI+ da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq Saúde, Ambiente e Desenvolvimento (SAD/UFRGS/IFRS).

E-mail: daniel.canavese@gmail.com

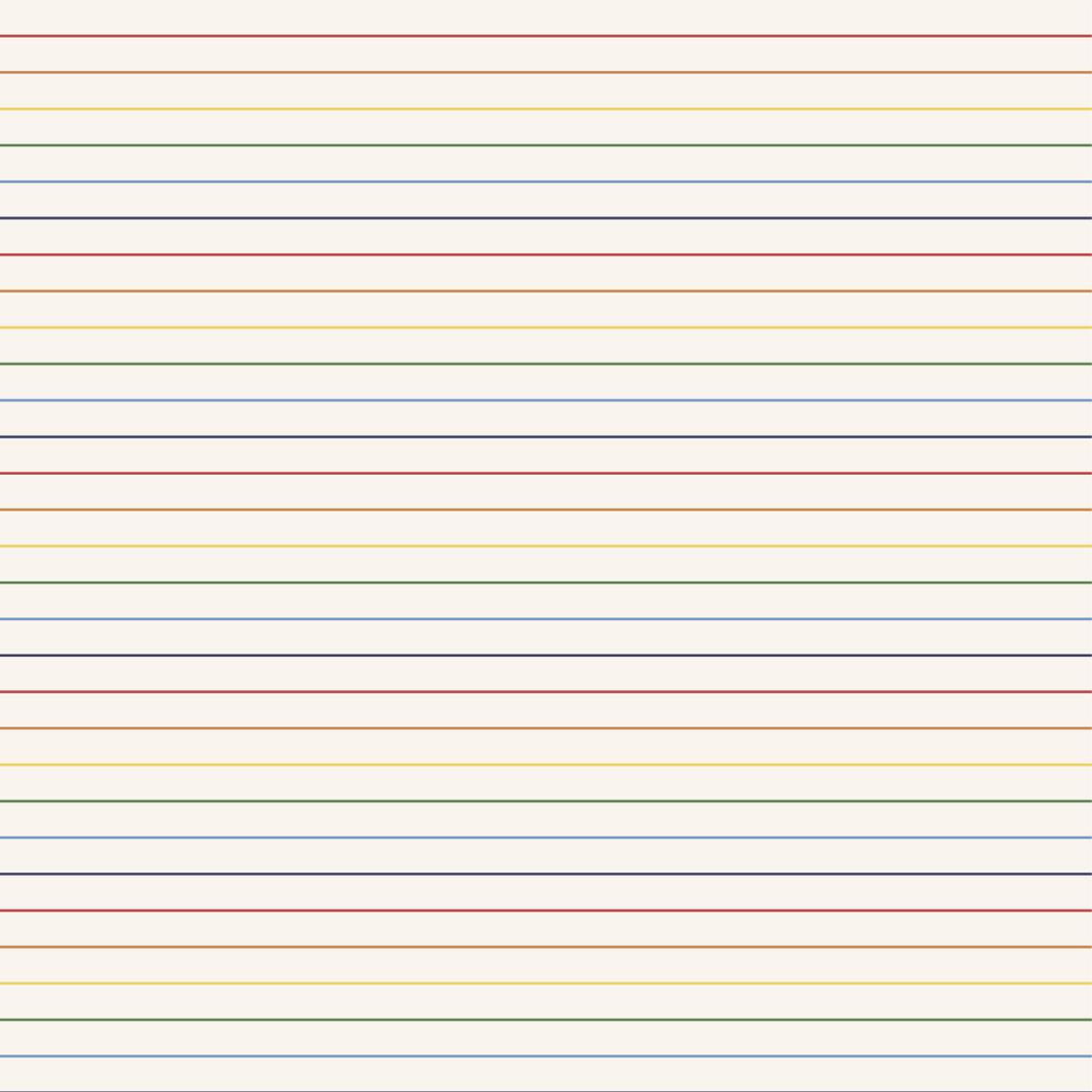


Maurício Polidoro, professor associado de Geografia e Geoprocessamento do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, membro do GT de Saúde da população LGBTI+ e de Saúde e Ambiente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e coordenador do Grupo de Pesquisa do CNPq Saúde, Ambiente e Desenvolvimento (SAD/UFRGS/IFRS).
E-mail: mauricio.polidoro@gmail.com



Bruno Kauss, assistente no Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e pesquisador do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE/UFRGS).
E-mail: kauss.bruno@gmail.com





A GENTE LÊ ESSAS HISTÓRIAS AGORA E DESFRUTA DO GRANDE PRAZER DE PERCEBER A BELEZA E A SIMPLICIDADE DA VIDA. LOGO EM SEGUIDA ENTENDEMOS O QUANTO VAMOS PRECISAR DESSAS HISTÓRIAS, MAIS TARDE - PARA LEMBRAR QUEM A GENTE ERA E COMO FOI IMPORTANTE AGIR COMO AGIMOS. SEM DESISTIR, SEM DESESPERAR, SEM DEIXAR DE OLHAR E RECONHECER OS OUTROS.

LAERTE